

**UMA PASSAGEM POR GEOGRAFIAS CONFLUENTES/CONFLUINTES:
IDENTIFICAÇÕES EM QUESTÃO**

**A PASSAGE THROUGH CONFLUENT/CONFLOWING GEOGRAPHIES:
IDENTIFICATIONS AT STAKE**

Gisele Wolkoff¹

Universidade Federal Fluminense

Tânia Giandoni Wolkoff²

Centro Universitário Assunção

Resumo: O comparativismo sobre realidades diferentes que aproximam distâncias presentes na contemporaneidade elucida a importância do debate em torno de questões como pertencimento(s), identidade(s) e fronteira(s). Neste trabalho apresentamos sinteticamente o produto convergente e interseccional de três projetos de pesquisa que envolvem a Poesia contemporânea representativa de identidades femininas em Irlanda, Portugal e Brasil: quais temas apresentam-se convergentes e divergentes de 1960 aos 2010 em poetas mais e menos marginais?; como as práticas literárias reposicionam os pertencimentos (nacionais, de gênero e outras categorias) em estética?; como podemos desenhar uma *confluência*, a maneira como pensara o poeta caribenho Edward Kamau Brathwaite para a maior das resistências, a Poética, nos casos contemporâneos de mobilidade transfronteiriça? Concluimos que a prática da Tradução pode ser uma resposta às inquietações da contemporaneidade no que tange temas como identidade, pertencimento e nação.

Palavras-chave: Poesia; Contemporaneidade; Identidades; Tradução; Confluência.

Abstract: Comparativism addressing different realities that approximate distances present in contemporaneity clarify the importance of the debate about belonging(s), identity(ies) and frontier(s). In this article, we will briefly present the convergent and intersectional product of three research projects that involve contemporary Poetry that represents feminine identity in Ireland, Portugal and Brazil: which are the convergent and divergent themes from 1960 to 2010 in poets that are more and less marginal ?; how do literary practices reposition (national, gender and other categories of) belonging in aesthetics ?; how can we draw confluence/conflowence the way the Caribbean poet Edward Kamau Brathwaite has idealized Poetics in the sphere of Poetic resistance in contemporary cases of transborder mobility ? We conclude that poetic Translation may be the practical reply to issues regarding identity, belonging and the nation.

Keywords: Poetry; Contemporaneity; Identities; Translation; Confluence.

¹Professora do Departamento Multidisciplinar do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Fluminense. E-mail: gwolkoff@id.uff.br.

² Atua como professora do Centro Universitário Assunção - Unifai (Fundação São Paulo) - campus PUC-SP na graduação do curso do Direito e pós graduação no Curso de Serviço Social e como professora da Universidade São Judas (USJT nos cursos de graduação em Direito). E-mail: gwolkoff@id.uff.br.

Submetido em 20 de agosto de 2020.

Aprovado em 20 de setembro de 2020.

Deitas na areia
 a contemplar a noite,
 as gotas de suor transpiram a luz
 nas tuas pegadas.
 (...)
 se quebrares a embarcação,
 a luz fluirá.
 (...)
 Barco de luz,
 Após não encontrar a saída,
 se um fóssil do mar
 for o deserto,
 que o teu corpo cubra em paz
 a sombra do meu ser.

Neste poema chamado “Êxodo”, o poeta Juan Armando Rojas Joo desenha as rupturas das fronteiras, os espaços híbridos que compõem os migrantes e todos os outros que com eles convivem ou minimamente interagem. O êxodo assemelha-se à fuga e à utopia distópica do retorno, como lemos no poema “Havemos de Voltar” do angolano Agostinho Neto:

Às casas, às nossos lavras
 às praias, aos nossos campos
 havemos de voltar

Às nossas terras
 vermelhas de café
 brancas de algodão
 verdes dos milharais
 havemos de voltar

(...)

À bela pátria angolana
 nossa terra, nossa mãe
 havemos de voltar

Havemos de voltar
 À Angola libertada
 Angola independente

Ambos os poemas (de Juan Rojas e Agostinho Neto) encontram ecos na poesia de Rei Seely, poeta haitiano contemporâneo, de nome Reginald Elysee, imigrado ao Brasil e sediado em Curitiba. No seu poema “Nós, tal dia”, o eu-lírico enuncia:

Eu lembro ontem
quando os raios de ouro
do sol luzidos na paisagem
sobre o canto de papagaio

Eu lembro carta de flor
numa noite-de-cor
de versos e de rimas
com meus colegas (...)

A nostalgia, a memória, a saudade da terra natal compõem muito da redundância da voz poética migrante. No entanto, o êxodo também está no existir, no ser, no ser mulher, conforme lemos em poetas contemporâneas como quando o eu-lírico dos poemas da portuguesa Helga Moreira (MOREIRA; HELGA, 2003, p. 32) anuncia:

No meu espírito não há
enredos. Apenas frases
e frases
que impedem
do que não sei...

E, também, (MOREIRA ; HELGA, 2006, p. 85)

Tenho a vida feita num novelo,
não pertença a lado nenhum
não tenho país ou terra, nenhuma raiz,
nem escolhas ou nome,
nada a dizer, nada a calar

Porque também como já anunciou a poeta irlandesa Kerry Hardie – e ambas estão publicadas já em português na antologia bilingue *Poem-ando Além Fronteiras...*(cf. WOLKOFF, 2011):

Basta:
Quero estar num mesmo lugar por um longo tempo,
Não ligo se não houver girassóis.
Quero ver o mesmo todas as manhãs.
Quero poder contar com as mesmas pessoas.

Os deslocamentos implicam readaptações, ressignificações, traduções. Afinal, ser (e ou i)migrante é enfrentar travessias, rumar ao incerto, traduzir-se na impossibilidade. Para Roman Jakobson (JAKOBSON, 1969, p. 72) “a poesia, por definição, é intraduzível. Só é possível pela transposição criativa”. Então, propusemos um exercício de reflexão que aproximasse os movimentos migratórios, tenham estes a ver com diáspora, exílio, refúgio, migrações e as representações artísticas que os

variados tipos de ruptura traduzem, particularmente, em Poesia contemporânea. Ao longo dos projetos em questão³, fizemos esta reflexão a partir da Tradução e o projeto mais atual acrescentou a tipificação de *transculturalidade*, cujo conceito ainda estamos a trabalhar e que foi congruente a um projeto paralelo ao último, *Transculturalidade e Poesia: Brasil, Irlanda e Japão*⁴.

Ao refletir sobre as questões de fronteira, as identidades na Modernidade e os sentidos dos estudos de identidade a partir das ciências sociais, como uma necessidade inevitável que surge com a falência do Estado nacional liberal, Boaventura de Sousa Santos (1997, p. 143) assinala que “as identificações, além de plurais, são dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções. Quem pergunta pela sua identidade questiona as referências hegemónicas (...)”. É o que verificamos ao voltarmos o olhar para a produção poética que nasce a partir de 1972, em Portugal, com a produção das Três Marias (Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno) ainda que, de maneira isolada, a visibilidade da ruptura das convenções sociais e artísticas atribuídas às mulheres já tivesse ganhado algum respeito com alguém como Sophia de Mello Breyner Andresen, em 1944. Aliás, poder-se-ia já pensar em uma série de poetisas mulheres em Portugal, anterior mesmo às produções iniciais de Sophia de Mello e das Três Marias, que é notável a qualquer estudo sobre mulheres e as artes no espaço lusófono, pelo que há de invisibilidade e silenciamento, na continuidade da prática patriarcalista da divulgação e crítica, molas da notoriedade de autorias, prática esta que não cessa, mas apenas diminui com a histórica data 25 de abril, marcada pela Revolução dos Cravos. Assim, deve-se notar que é a repercussão social da dimensão política das vozes das Três Marias e o desenrolar artisticamente substancial advindo do episódio do processo jurídico que lhes custou a publicação das *Novas Cartas Portuguesas* mais o advento de novas vozes em território lusófono que marcam uma

³ Referimo-nos aqui a “Identidades contemporâneas femininas representadas na poesia de Portugal e Irlanda” (2009 e 2012, financiado pela FCT) e que foi desdobrado em “Mapeando as Américas: produções culturais contemporâneas em comparação” (2013-2015, financiado pela Fundação Araucária) e o ainda atual “Cultura e artes no sul-fluminense: memória & história” (2016-2019, financiado pela FAPERJ).

⁴ Com apoio da Universidade Federal Fluminense, em parceria com a Kyoto University of Foreign Studies.

espécie de “nova era” da des-ocupação⁵ das mulheres no terreno da escrita poética (em silêncio) em Portugal.

Apesar das questões de deslocamento (HOMI BHABHA, 2002) poderem ser encontradas em Portugal, nos elementos culturais das geografias do norte e do sul, nos espaços culturais de e entre o campo e a cidade, as atmosferas urbana e rural e a língua portuguesa no ofício da pós-colonialidade (em diálogo com o Brasil e toda a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, CPLP, pós-acordo ortográfico) é na Irlanda que a correspondência entre o trabalho que as poetas a partir de 1970 desenvolvem se assemelha ao que também começa a se verificar no espaço lusófono. Referíramos às convergências socioeconômicas em trabalhos anteriores, relativamente à escolha do par Irlanda-Portugal para o comparativismo sociológico-artístico-cultural e nos interessou particularmente pensar a questão feminista e feminina como uma problemática da pertença, a partir do que Homi Bhabha define como o *unhomely*, o sem lar, e o que Avtar Brah classifica como a existência diaspórica das minorias (maiorias) o denominador comum que pode nos levar a conjecturar uma leitura viável acerca de “coisas de mulheres” que, por sua vez, nos parece congruente à diferenciação que Stuart Hall (1998) faz entre “identidade” e “identificação”.

A Poesia como gênero apresenta um caráter marginal, que se dispõe em outros elementos, tais como: as suas vozes enunciadoras (são autoras/autores consagrada/os?), os campos discursivos (neste caso, “corredores comerciais”⁶ de circulação e produção das obras: oficiais ou não?), os temas apresentados (específicos ou comuns a determinadas camadas ou grupos), os estilos (igualmente, específicos/comuns a determinados grupos) dentre outras questões, como a articulação de todos estes elementos no contexto de recepção/leitura das obras pela crítica e pelo grande público. Se pressupormos que a Poesia como gênero se insere na marginalidade que “se tornou uma rubrica ampla que abrange a inserção dos escritores no mercado editorial, as características dos produtos literários, um tipo de atuação literário-cultural, ou ainda, a condição social do escritor” (NASCIMENTO, 2009, p. 39) falta-nos estreitar aqui o escopo da marginalidade no gênero sexual em conjugação com a marginalidade do gênero textual, a poesia. Então, assumiremos que poemas e autoras são em si mais

⁵ Emprega-se aqui o termo des-ocupação, porque as mulheres deixam de ocupar o silenciamento, des-silenciam o espaço social e privado de suas existências e re-ocupam as trajetórias que antes eram-lhes negadas publicamente e privadamente) a partir do discurso poético.

⁶ Conforme cita Érica Peçada do Nascimento em seu estudo sobre a poesia marginal nos anos 1970 e 1990 no eixo Rio-Sao Paulo/Brasil, intitulado *Vozes Marginais Na Literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

marginais que centrais, ainda que dentro da zona da marginalidade possamos assumir graus de marginalidade (da periferia à centralidade) precisamente no que tange os campos discursivos (que editoras publicam mulheres, que mulheres as editoras têm publicado nos últimos cinquenta anos, quais destas autoras recebem a glória da crítica, quais destas autoras, mesmo após publicadas, continuam silenciadas e invisibilizadas por aqueles que definem os cânones?). Estas são algumas das questões priorizadas na apresentação comparativa das autoras aqui recolhidas.

No seu papel social, a marginalidade cumpre o desafio da ruptura: a Poesia desloca o conhecimento pragmático e paradigmático da vida à subjetividade, destituindo-o de seu tradicional senso de razão às esferas plurais, fragmentadas e fragmentárias da subjetividade, fazendo do tabu o próprio motivo da censura, tal como o discurso feminino (das mulheres) a partir da Poesia em torno do ato da escrita: ao elevá-las (as mulheres) sintaticamente à condição de sujeito, ao invés de apenas as revelar como objeto, num processo quase-eternamente metonímico da condição sóciopolítica das mulheres pelo mundo, o discurso poético é capaz de re-verter a lógica da palavra, transformando (trans-for-m-a-ndo) a opressão, seja ela social ou psicológica, em fonte de in-s-piração,⁷ criatividade denunciadora e redentora, potencializando, assim, a re-inserção e re-inscrição das mulheres não apenas no rol de figuras literárias, mas também na sociedade.

No ensaio “Passagens entre a vida e a literatura”, Milton Hatoum (AXT; SCHÜLER, 2010, p. 348) ao lembrar da própria vida como natural de Manaus (Amazônia brasileira) diz que confins “são também fronteiras imaginárias, porque na literatura as fronteiras nunca são fixas nem rígidas; as fronteiras são antes passagens entre a vida e a literatura”, ou seja, *confim* é o lugar que é nosso quando “as coisas tornam-se contato e relação” (2010, p. 348) e este retorno à conceptualização do termo *confim*, relaciona-se com o *país da mente* – de que fala Eavan Boland, em remetência à tradição, o bardo, Seamus Heaney – *o lugar da imaginação*.

No caso irlandês, podemos dizer que é só a partir da voz feminina na poesia que renascerá uma Irlanda capaz de olhar para a mulher, que é mãe, amante, filha, e que exerce uma ocupação profissional e, portanto, contribue ativamente à Economia do país. Entretanto, esta mulher, acima de tudo, age como sujeito, existe enquanto enuncia sobre

⁷ As grafias de “transformando” (trans-for-m-na-ndo) e “in-s-piração” chamam-nos a atenção aos processos contidos no ato da escrita, a transformação, advinda do exercício da inspiração, mais que o lado romântico das ideias que “aparecem”. Também, tratam de uma brincadeira “in”, preposição inglesa para “na”, neste caso, a “piração”, o jogo da “loucura”, a “má formação” de que trata este trabalho.

os outros, o ambiente à sua volta, além de falar de si mesma. Fato semelhante pode ser dito relativamente a Portugal: é com o impulso das vozes das três Marias que emana o sentido de re-posseção da identidade feminina a partir da palavra poética elocucionada pelas mulheres e que virá com a sucessão de autoras mais ou menos editadas e lidas pós-25 de abril.

Assim, se para M. Hatoum a escrita é um confim, um limiar que impulsiona mergulho ou fuga dos espaços conflituosos das fronteiras do eu, as escritoras que surgem na Irlanda pós-Eavan Boland e em Portugal, a partir das 3 Marias sinalizam novos horizontes à representação pública do privado e dos posicionamentos sociais atinentes as artes. Mary O'Donnell é um segundo exemplo da poesia que elenca as “coisas de mulheres” que contém temas como a maternidade, o ser filha, ser amante, pensar na(s) perda(s) da vida, pela perspectiva da mulher, dentre as mais recorrentes.

No âmbito lusófono do tipo de invisibilidade a que associamos os versos de Mary O'Donnell, podemos apontar Helga Moreira, poeta portense, autora de quatro volumes poéticos – *Agora Que Falamos De Morrer* 2006, *Tumulto* de 2003, *Desrazões* de 2002 e *Os Dias Todos Assim* de 1993, livros que apontam tanto a escrita quanto a voz feminina como materialidades de margem. Contribuiu em antologias, com *O Livro de Natércia e Vozes e Olhares no feminino*. A brevidade de seus poemas não faz escapar a polissemia advinda do caos da sintaxe, da estrutura gramatical em ruptura, metonímia da subjetividade, enunciada agora pelas mulheres. Nas autoras de origem tanto portuguesa quanto irlandesa retomar o tema da metalinguagem compõe a utopia de se realocar na política da escrita.

Outra poeta de menor prestígio na academia e de intenso reconhecimento dramaturgico (e poético) é Anne Le Marquand Hartigan, autora de vários volumes de poesia e teatro, ambos os gêneros premiados. Hartigan ousa falar da história das mulheres irlandesas, da sexualidade, do erotismo e, assim, exercer o seu ativismo feminista, também, na poesia. Por tudo isso, não é de se surpreender que seja uma autora menos considerada, em um país historicamente moral e religiosamente conservador, com fortes componentes patriarcalistas na base de sua sociedade. Provavelmente, dois de seus livros de maior relevância aos que pretendem se introduzir na ousadia verbal (e, algumas vezes, visual) dos poemas de Hartigan são *To Keep The Light Burning. Reflections in times of loss*, recentemente reeditado pela Salmon Press, editora que muito tem contribuído com o processo de re-inserção das mulheres poetas na Irlanda - e *Nourishment*, de 2005. Além destes dois, *Immortal Sins* (de 1993) inova

na forma breve e em ruptura com as formas da poesia tradicional, a conduzir o leitor a outras tradições, como a oriental, por exemplo, e também nos temas que se apresentam como novidades no contexto tradicionalista que já havia encontrado alguma ruptura com a precursora de todas as poetas mulheres na Irlanda pós-1967, Eavan Boland.

Em Portugal, a euforia que causou a representação da sexualidade e do erotismo apareceu mais incisivamente com Maria Teresa Horta, embora também em várias outras autoras, como Natália Correia, que responde pelo Prefácio e organização da *Antologia De Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*, e Adília Lopes, que rompe também com os padrões estéticos vigentes, os quais encontraram o muito internacionalmente reconhecido rompimento com as *Novas Cartas Portuguesas*. Estamos a falar de autoras já consagradas e, portanto, bem menos marginais do ponto de vista do pertencimento a um cânone de mulheres – se isso fosse possível. O que Adília Lopes, Natália Correia, Maria Teresa Horta do lado português e Anne Hartigan, Mary O’Donnell e Celia de Fréine, do lado irlandês têm em comum, além da desconstrução de padrões estéticos com a ruptura da forma do poema é ainda a trans-formação da mulher-Musa em sujeito. Falar de si, re-significar-se, existir pela palavra, como uma metonímia da transformação da nação e suas dinâmicas sociais.

Regresso para mim
 e de mim falo
 e desdigo de mim
 em reencontro
 os pontos
 um por um.
 o sol
 os braços
 a boca
 o sabor
 ou os meus ombros
 trago para fora
 o que é secreto
 vantagem de saudade
 o que é segredo
 Retorno para mim
 e em mim toda// desencontro já o meu regresso
 desencontro já o meu regresso.

O contraponto desta Poesia contemporânea é a pintura. No caso português, Paula Rego é exemplo máximo, em obras como *Mulher-cão*, de 1994 e *Branca-de-neve brincando com os troféus do pai*, de 1995, obras que apontam à preocupação do papel social da mulher, o espaço público ocupado por mulheres e de como as subjetividades representadas artisticamente podem contribuir para a redefinição dos espaços

transfronteiriços de pertencimento em identidades social e nacional. No caso irlandês, temos as telas de Patricia Keely-Murphy com a tela *The Greek Mystress* e Judy Shinnick com *Nude II*. Ambas reposicionam as representações dos corpos femininos, fazendo-nos repensar questões relativas à reificação do corpo da mulher e da (des)ocupação do espaço público pelo privado, questões caras à redefinição identitária das mulheres e das mulheres-artistas.

Relativamente aos temas comuns, elencamos basicamente os seguintes tópicos observados nas obras das escritoras mencionadas: à margem – poemas e poetas construindo identidades; confins – o que há de comum entre os becos e quebradas de Irlanda e Portugal; utopias distópicas na reprodução e redefinição das identidades; “afinal, mulheres também experimentam?”; “corporificando a mulher ou as mulheres em “coisas sérias de mulheres”” e tentamos ler criticamente a série de poetas e poemas estudados, respondendo a estas inquietações.

Os pressupostos de leitura foram identidade e nação; o público e o privado; (re)(des)elaboração das subjetividades; escrita poética e escrita de mulheres. Partimos da primeira grande pergunta que era “o que é poesia feminina?”. E alguns entraves teriam sido definir isso pelos temas comuns, por estilos específicos ou por aquilo que pensou a crítica irlandesa Patricia Haberstroh ao afirmar que “um pai trabalhando a terra e um homem escrevendo tem sido historicamente mais importante que uma mulher costurando ou escrevendo...”. Assim, as confluências⁸ marcantes na história da literatura da Irlanda e de Portugal foram respectivamente as publicações de *The Field Day Anthology Of Irish Writing* em 1991, 1996 e as publicações (publicação e republicação anotada) de *Novas Cartas Portuguesas* em 1968, 2010, esta última anotada pela grande poeta contemporânea Ana Luísa Amaral, de quem trazemos os versos que tanto nos fazem refletir sobre a questão do pertencimento e das localidades. Estes versos foram recentemente traduzidos e publicados ao espanhol:

afinal não interessa Londres ou nós,
 ...em toda a parte
 as mesmas coisas são.

⁸ O poeta, dramaturgo e crítico Edward Kamau Brathwaite criou alguns termos importantes na sua reflexão sobre a escrita de resistência, tais como “proema” que seria algo parecido com a famosa “prosa poética” mas seria a “poesia em prosa” e o trocadilho “confluence”/“conflowence”, que denota o fluir, a fluência da linguagem, e a convergência das ideias presentes nos movimentos de resistência como a Poesia Jazzística. Neste artigo, retomamos estas criações já no título do mesmo, atentando que a resistência (seja de gênero, de identidades ou sobre pertencimento nacional) é a base da Poesia contemporânea.

Já no caso brasileiro, as publicações contemporâneas de Poesia pouco se atêm à questão de gênero, com exceções raras, diferentemente do pertencimento nacional, que é um tema ainda relevante na poesia contemporânea brasileira.

Nos casos irlandês e português, verificamos que a representação da diversidade das vidas das mulheres encontra eco no apelo feminista, na constatação da existência plural e sem pudor(es) como a que lemos nas poéticas de Maria Teresa Horta, Anne Hartigan e tantas outras que fazem do espaço público da poesia a expressão daquilo que é inicialmente da esfera privada e, ao fazê-lo, re-localizam o espaço das mulheres e o poder que estas ocupam na distribuição social dos papéis:

Mulheres do meu país
 Deu-nos Abril
 o gesto e a palavra
 fala de nós
 por dentro raiz
 Mulheres
 quebrámos as grandes barricadas
 dizendo: igualdade
 a quem ouvir nos quis
 e assim continuamos
 de mãos dadas
 O povo somos: mulheres do meu país
 (HORTA, 1983, p. 69)

Notemos como as poetas que Maria Teresa Horta convoca – ao clamar “mulheres do meu país” – aparecem no poema “Exílio” de Sophia de Mello Breyner Andresen (2006, p. 60):

Quando a pátria que temos não a temos
 Perdida por silêncio e por renúncia
 Até a voz do mar se torna exílio
 E a luz que nos rodeia é como grades

E a crítica literária e feminista reafirma que há muito que as mulheres precisam deixar de se excluir. O’Donnell, em entrevista ao primeiro dos projetos, apontou idéia semelhante, ao dizer que falta entre as mulheres sororidade, solidariedade, simpatia comum tão presente na relação entre homens.

Os comparativismos estabelecidos nos espaços do “não-lar” ao longo das pesquisas (tanto entre Portugal-Irlanda, quanto das Américas) retomou a importância do elo entre os mundos traduzidos em Poesia, e as ressignificações teóricas na prática das Artes. Assim, a pesquisa sobre o sul-fluminense mostrou que o localismo ou, a

identidade local, tem significação política de (re)afirmação de pertencimento marginal, em si, interseccional ao locus poético – a poesia é sempre “arte menor” aos olhos do mercado, conforme temos vindo a apontar nos produtos resultantes dos projetos (WOLKOFF ; RUSSONI et al, 2018); em geral, *best-sellers* não são livros de Poesia, mas há exceções como a edição da obra de Paulo Leminski pela Companhia das Letras, em 2010.

Ressaltamos que as duas últimas pesquisas foram desdobramentos da primeira, numa tentativa de impulsionar as “novas epistemologias do sul”, conforme pensadas por Boaventura de Sousa Santos, e procurando relocalizar o sentido de deslocamento aos casos do sul, particularmente, da América do sul, e do Brasil. Neste sentido, o projeto *Cultura e Artes no sul-fluminense: memória & história* resgata tanto o conceito de cultura e artes, poesia, e tradução, quanto analisa as inquietações temáticas e “subalternas” de diversos grupos que não só as mulheres. Afinal, ao mapear artistas, selecionar obras para tradução e publicação, visibiliza-se e dá-se voz ao que antes estava silencioso e invisível, redefinindo, deste modo, noções de centro e margem, espaços de poder, conforme lemos nas obras de Charles Bernstein e Regis Bonvicino no projeto deste intitulado *Sibila* e por todo o ideal do grupo L-A-N-G-U-A-G-E POETRY. Na continuidade do trabalho sobre a materialidade da linguagem. Marjorie Perloff tem sido outra autora a contribuir na reflexão sobre o papel da produção, e distribuição da Poesia hoje no Ocidente, principalmente, de língua inglesa. Mas a prática metalinguística destes autores, ainda que muito diferente da verificada na atuação e obra dos autores do sul-fluminense, convergem na preocupação do papel da linguagem para emancipação das identidades.

Ao longo de 2016 e 2017, descobrimos muitas associações e grêmios literários no sul-fluminense, além de arte pictórica e variados escritores. Promovemos dois encontros sul-fluminenses de escritores pela Universidade Federal Fluminense de Volta Redonda (UFF-VR), em parceria com a Academia Volta-Redondense de Letras (a AVL) e o Grêmio Literário e Artístico de Barra Mansa (GREBAL); e selecionamos poetas a serem traduzidos e publicados. Certamente, estas associações literárias têm vindo a cumprir um importante papel social de incentivo à arte marginal (no sentido social). Não podemos, como não podem os escritores, nos focar estritamente nas especificidades da escrita feminina no contexto sul-fluminense. De todos os modos, o exercício da tradução acompanhado das publicações e performances em eventos acadêmicos e artísticos têm vindo a mostrar aos pesquisadores envolvidos que este é um

movimento mais que legítimo de transmutar os *loci* de enunciação: autoras como Eliane Lacerda, Luiza Pettersen Marcondes, Silvia Helena Borges e autores como José Huguenin, Jean Gomes e tantos outros, ao aparecerem em antologias de literatura em tradução ao lado de nomes de escritores já consagrados, passam a ocupar lugares mais centrais, menos marginais.

Um último exemplo que citamos de transformação do espaço de onde se fala, no caso da poesia brasileira, e de como as dinâmicas literárias podem ir da margem ao centro é o de Luci Collin, poeta, escritora paranaense, que foi agraciada pelo Prêmio Jabuti de poesia, em 2017. Uma poeta que até então mostrava-se menor e que foi ganhando espaço primeiramente no jornal *Candido* e em publicações de menor escala, ao mesmo tempo em que se ia visibilizando como tradutora. Além do Jabuti, foi responsável pela tradução de Moya Cannon e Eiléan Ní Chuilleanáin, duas poetas irlandesas importantes na contemporaneidade. Para L. Collin, o exercício da Tradução também compõe aquele da escrita literária, atividades complementares à identidade e à identificação das escritoras, aquilo a que se vai construindo, ao invés de se configurar como um valor fixo, estável, único. E, assim, o trabalho de L. Collin na recriação da poesia irlandesa contemporânea no espaço da lusofonia nos permite comparar realidades na prática, para além das teorias propostas pela Sociologia e pelos Estudos Literários e Culturais, fazendo-nos repensar conflitos e nos humanizar.

Por fim, esperamos que a “intrincada relação entre lugar e construção/remodelação de identidades sociais e pessoais”⁹ possa ser desvelada de maneira simples, mas com toda a sua carga complexa na escrita de poetisas, nos lugares e nos espaços de onde falam, os seus pertencimentos e não-pertencimentos, antes dos fatos sociais tornarem-se marcas históricas únicas das nações. Afinal, parafraseando o que disse Brian Coffey ao ser entrevistado por Parkman Howe (apud MAHONY; C.H., 1998) está-se em segurança na Poesia quando se reporta aquilo que é humano, longe dos nacionalismos, que nos reporta ao pensamento de Paul Durcan sobre o papel da Poesia a supremacia de que precisam tomar ciência todos os poetas – em outras palavras, a Poesia é um caminho pelo qual podemos redistribuir a justiça e defender os que estão à margem (apud DAWE; GERALD, 1995).

Referências

⁹ Conforme indica Luci Collin em seu artigo sobre Moya Cannon no ABEI Journal, number 18, p. 165.

AMARAL, Ana Luísa. *Inversos - poesia 1990-2010*. Alfragide, Portugal: Publicações Dom Quixote, 2010.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *No Tempo Dividido*. Lisboa: Caminho, 2006.

BARRENO, Isabel et al. *Novas cartas portuguesas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

BHABHA, Homi. The World and the Home. In: McCLINTOCK, Anne; MUFTI, Aamir; SHOHAT, Ella, ed. *Dangerous Liaisons; Gender, Nations & Postcolonial Perspectives*. Minneapolis: University of Minnesota Press, p. 445-455, 2002.

BOLAND, Eavan (editor). *Three Irish Poets: An Anthology*. Manchester, Carcanet, 2003.

BONVICINO, Regis. <http://sibila.com.br/autores>.

BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora. Contesting Identities*. London and New York: Routledge, 1998.

COLLIN, Luci, The Poetic Reconstitution of Place in The Poetry of Moya Cannon: Roots, Land, Home and Language. *ABEI Journal*, vol.18, n.18, pp.159-170, 2016.

CORREIA, Natália. *Poesia completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007.

DAWE, Gerald. *Against Piety: Essays in Irish Poetry*. Belfast: Lagan Press, 1995.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro (tradutores). Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HATOUM, Milton. “Passagens entre a vida e a literatura” in *Fronteiras do pensamento. Ensaios sobre cultura e estética*. Axt, Gunter et Schüller, Fernando Luís (organizadores). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 345-357, 2010.

HORTA, Maria Teresa. *Poesia completa 2*. Portugal: Litexa, 1983.

JAKOBSON, Roman. *Linguística E Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix e Universidade de São Paulo, 1969.

MOREIRA, Helga. *Tumulto*. Lisboa: &etc, 2003.

MOREIRA, Helga. *Agora que falamos de morrer*. Lisboa: & etc, 2006.

NASCIMENTO, Érica Peçada. *Vozes marginais na literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Modernidade, identidade e a cultura de fronteira” in *Língua mar: criações e confrontos em português*. Ana Maria Galano (organizadora). Rio de Janeiro: Funarte, pp.143-154, 1997.

WOLKOFF, G. G., RUSSONI, I. et al. “Dos Globalismos aos regionalismos: o sul-fluminense.” *Revista Fafire*, v.10, pp.67-78, 2018.

WOLKOFF, Gisele G.(org.) *Poem-ando Além-Fronteiras: dez poetisas contemporâneas irlandesas e portuguesas//Poem-ing Beyond Borders: ten contemporary Irish and Portuguese women poets*. Coimbra: Palimage, 2011.